

# Arquipélago no rio Negro terá proteção ambiental

O complexo ecológico Mariuá, no rio Negro, forma um labirinto com 400 ilhas, o maior do planeta

Orlando Farias

A transformação do arquipélago de Mariuá em Área de Proteção Ambiental consolida o rio Negro (AM) como o maior complexo ecológico do estão localizados os Parques Nacional do Jaú, com 2,7 milhões de hectares, e do Pico da Neblina (2,2 milhões ha. e a Estação Ecológica de Anavillhanas (350 mil ha), também um arquipélago.

O rio Negro comporta ainda várias reservas indígenas, sendo a maior delas a dos índios Waimiri-Atroari, entre os rios Jauaperi e Camanaú, com 2,4 milhões de hectares. "Trata-se de uma área apropriada para reservas ambientais", diz o pesquisador do Ibama em Manaus, João do Carmo de Jesus, 38 anos, que participa regularmente dos estudos no Parque Nacional do Jaú, o maior em água doce do país.

O pesquisador diz que o rio Negro tem uma exuberância incomparável nas formas de vida, além de ser rarefeita populacionalmente. Isso facilita a conservação ambiental da área", raciocina. O complexo ecológico vem permitindo que os estudos científicos abarquem uma dimensão maior do banco bio-benético da Amazônia. Não raro os pesquisadores identificam novas espécies na região. As últimas descobertas ocorreram no Parque do Jaú, onde três tipos de bagres diferentes foram localizados, segundo revela o biólogo do Inpa, Jansen Zianon.



A 230 quilômetros de Manaus, Mariuá

De todas as unidades de conservação ambiental do rio Negro, o Parque Nacional do Pico da Neblina pode ser considerado o que mais impacto tem sofrido apesar de ser o mais distante dos centros urbanos. Localizado na fronteira do Brasil com a Venezuela, o Pico da Neblina é o ponto mais alto do país com 3.014 metros. Nos últimos anos, foi alvo de várias invasões garimpeiras que levaram destruição a vários pontos de suas encostas.

Paraíso também dos peixes ornamentais que deslumbram aquaristas em todo o mundo, o rio Negro está começando a acender a luz ver-

melha do perigo ao equilíbrio da sua principal espécie: o exótico Cardinal (*Paracheirodon axelrodi*). Segundo o coordenador da fiscalização do Ibama em Manaus, José Leland, 40 anos, o Cardinal já começou a apresentar uma curva descendente. A prova é que despencou de 80 para 60% na pauta das espécies de exportação.

A falta de manejo nesta atividades é apontada como princi-

pal responsável pela redução da população da espécie no seu principal habitat — o rio Negro. Leland defende que pode haver compatibilidade entre a atividade econômica e as unidades de conservação ambiental na região. Ele cita os próprios peixes ornamentais.

Atualmente, segundo José Leland, morrem 80% dos peixes capturados. A causa seria a falta de condições apropriadas ao transporte das espécies entre o rio Negro até Manaus. Os peixes viajam amontados em sacos juntos com passageiros e a maioria morre por falta de oxigenação nas águas, além da alta concentração de indivíduos por metro cúbico. "Se queremos exploração econômica no rio Negro, temos que começar pela sua principal atividade — o peixe ornamental", recomenda Leland.

VIDE-VERSO

(190)  
(152)  
1011  
7640

9

## Floresta já esteve ameaçada

Os índios já o chamavam de Mariuá (grande braço) por causa do extraordinário labirinto de ilhas — cerca de 400 — situado numa faixa de 130 km no rio Negro, a 230 km de Manaus. Uma interpretação errônea dos mapas da Amazônia o deixou esquecido durante mais de 300 anos e livre de qualquer destruição ambiental.

Só ano passado, consultando mapas do rio Negro no início do zoneamento ecológico do Amazonas, técnicos da Secretaria Estadual do Meio Ambiente depararam-se com uma intrigante "cauda de cometa" formada de ilhas. Conferiram: trata-se do maior arquipélago fluvial do planeta. Totalmente selvagem, o arquipélago era, porém, um dos lugares mais ameaçados de desaparecer dos mapas nos próximos anos.

A ameaça tinha o nome de indústria do palmito que cobria suas florestas quase totalmente dominadas pelo January, palmeiras nativa. Segundo o geólogo da Secretaria Estadual do Meio Ambiente, Preu Graz, 40 anos, são as palmeiras que sustentam com firmeza as ilhas sob a correnteza intensa do rio Negro. "Sem elas, as ilhas sofreriam erosão e desapareceriam", diz o geólogo.

Capital do arquipélago, a cidade de Barcelos, a 300 km de Manaus, já ostenta uma indústria de palmito — a January Agroindustrial, vinculada ao grupo Sharp. O prefeito do município Valdeci Raposo e Silva, 41 anos, admite que muitas palmeiras foram retiradas do arquipélago até que Barcelos — acordou para o perigo. "Não temos nenhum interesse que ele acabe", sustenta, acrescentando que ele próprio baixou portaria proibida a extração do palmito em qualquer das cerca de 400 ilhas do arquipélago.

Considerada essencial enquanto geradora de empregos ao município, a January Agroindustrial foi orientada a implantar o cultivo de outra palmeira nativa — a pupunheira. A espécie é ideal para este tipo de atividade. Além do palmito, a pupunheira fornece fruto (a pupunha), óleo comestível de suas amêndoas — e sua madeira é apropriada para a confecção de bengalas, diz o prefeito, baseado em estudo do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). O cultivo da pupunheira já começou, longe do ar-

quipélago.

**Zoneamento** — A "descoberta" é considerada tão importante que o lugar virou prioridade no zoneamento ecológico no Amazonas. O secretário estadual do Meio Ambiente, José Belfort dos Santos, o considera paradisíaco e lembra o fascínio que ele exerceu nos viajantes no século passado. Um deles, o naturalista inglês Alfred Russel Wallace reconheceu que o "vale do rio Negro é superior a qualquer outra parte da Amazônia".

Um estudo preliminar de suas principais ilhas que o homem é um animal praticamente inexistente na áreas inundáveis durante seis meses, as ilhas só atraem os ilhas só atraem os caboclos no verão quando expõem suas praias e deixa à mostra os cobiçados quelônios. Com o fim da extração do palmito, a área ficou ainda mais despovoado. "A vida selvagem é intensa em todas as ilhas", revela o secretário José Belfort dos Santos, impressionado com a variedade de araras, papagaios, arianinhas e piriquitos que vem sendo identificadas pelos técnicos do zoneamento.

A supremacia do verde-cana das palmeiras é minimizado pelo colorido das orquídeas, com predomínio de bromélias. O levantamento que está sendo realizado pela Secretaria Estadual do Meio Ambiente vai recomendar a transformação do Arquipélago em Área de Proteção Ambiental (APA) ainda no primeiro semestre deste ano. A principal razão para isso é o fato do local ser um corredor fluvial das populações do rio Negro e não poder ser tombado como santuário ecológico.

Como fica distante de Manaus, o arquipélago está menos sujeito à pressão urbana sobre o seu ambiente. A unidade de conservação que passará a adotar, a de APA, permitirá que projetos de ecoturismo sejam contemplados. "Esta é a única atividade econômica que nós pensamos autorizar na área", diz o prefeito de Barcelos, Valdeci Raposo e Silva, que promoveu um concurso público em janeiro último para escolher um novo nome ao lugar (era identificado como Anavilhanas II) e levou um susto ao saber do resultado. A população exigiu que o arquipélago retomasse o seu nome original de Mariuá ou grande barco. (O.F.)